

PROMOÇÃO DA SAÚDE EM BUSCA DE UMA SABEDORIA PRÁTICA INTELIGENTE... COMO SERÁ O AMANHÃ?

POR LUIS DAVID CASTIEL*

Há indícios de que começa a ocorrer um borramento das fronteiras entre o provimento de atenção preventiva em saúde e o autocuidado. A promoção securitária da saúde por iniciativas de automonitoramento digital passa a enfatizar mais ainda a responsabilidade pessoal e o autocontrole no ambiente político neoliberal. Algo que se ajusta bem às medidas de austeridade diante das crises fiscais globais. E locais.

Diante da obsolescência progressiva dos telefones fixos, passamos a ter, cada vez mais, corpos/subjetividades fixas aos dispositivos ditos 'smart', traduzido em português como 'inteligentes'. Estes, também, podem atuar no controle feito por gestores em relação a empregados, permitir o rastreamento, a compilação e o processamento dos movimentos dos usuários dos impérios internéticos cujos serviços monitoram suas máquinas aos dispositivos dos interessados, por exemplo: Twitter, Instagram, Google, Facebook, Amazon.com, LinkedIn, Research Gate. Tais empresas constroem suas enormes bases de dados e categorizam via big data os algoritmos dos perfis de potenciais consumidores.

Há que se cogitar sobre as repercussões na subjetividade autorreferida nos chamados movimentos cada vez mais difundidos de automonitoramento também denominados Quantified Self/ Tecnologia autoquantificada (Calvazara, 2014). Este movimento fomenta o uso de tecnologia para coletar dados sobre si mesmo. Tais recursos permitem às pessoas autorrastrear aspectos de suas vidas diárias.

Há aplicativos relacionados à saúde vinculados a: consumo de comida; consumo de álcool; abandono de tabagismo; exposição ao sol; saúde mental; saúde sexual; monitoração do sono; controle de variáveis fisiológicas, sensações e indicadores, como: glicose sanguínea, controle de peso, índice de massa corporal, aptidão física, temperatura corporal, ritmo respiratório, leitura de indicadores bioquímicos sanguíneos e de atividade cerebral, etc.



**Luis David Castiel é Pesquisador titular do Depto. de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz*

MUITAS PESSOAS MANIFESTAM IMPOTÊNCIA DIANTE DO PODER DAS GRANDES EMPRESAS DA INTERNET PARA COLETAR, POSSUIR E USUFRUIR DE SEUS DADOS PESSOAIS

Segundo Lupton (2014), muitas pessoas manifestam impotência diante do poder das grandes empresas da internet para coletar, possuir e usufruir de seus dados pessoais. Algumas vezes, usuários de automonitoramento concordam com o uso alheio de seus dados pessoais como uma parte inevitável da aceitação dos termos e condições de seus dispositivos, aplicativos móveis e plataformas.

Em outros casos, seus dados podem ser acessados sem seu conhecimento ou consentimento. A segurança de dados disponibilizados em plataformas digitais não é à prova de falhas de segurança. A forma como dados digitais podem ser utilizados por diferentes atores e instâncias não pode ser prevista nem controlada.

Devemos lembrar que também existem, em algumas partes do mundo dito civilizado, iniciativas de ativismo político na escala das comunidades. Assim, pode-se ultrapassar as perspectivas de controle externo, ao se coletar seus próprios dados para delinear necessidades e demandar ações governamentais diante de condições de saúde, transporte e tráfego, dados sobre crime, disposição de lixo, poluição, etc.

Ainda assim, parece haver uma abrangência que não para de se ampliar para o uso de automonitoramento digital, que provavelmente deve se expandir ainda mais na medida em que um crescente número de organizações e instâncias resolva explorar o potencial dos

dados produzidos a partir destas práticas.

Bauman e Lyon se referem ao 'minipanóptico' pessoal sob a forma de tablets e smartphones (Bauman e Lyon, 2014), e a fusão deles - os phablets. Nesta direção, não é absurdo cogitar em 'smartphrones' - um tipo de phone/drone inteligente que pretende nos transformar em androides consumidores, inclusive de saúde. Seria um tipo particular de simbiote parasitário ao alcance somático que reside em nossas roupas durante nossos voos - literais e metafóricos. Ou, em um jogo de palavras mais infame ainda, uma smartphronesis - quem sabe um tipo de sabedoria prática mais smart porque mediada por aparatos cibercelulares móveis cada vez mais sofisticados. Será? Responda quem puder...

REFERÊNCIAS

Bauman, Z; Lyon, D. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Calvazara, B. O que é a tecnologia autoquantificada? Disponível em: <<http://qga.com.br/tecnologia/2013/09/o-que-e-a-tecnologia-autoquantificada>>. Acesso em 07/10/2015.

Lupton, D. Self-tracking modes: reflexive self-monitoring and data practices. Paper for the 'Imminent Citizenships: Personhood and Identity Politics in the Informatic Age' workshop, 27 August 2014, ANU, Canberra. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2483549>. Acesso em 06/11/2014.